

The background features a light blue grid pattern overlaid with various geometric shapes in shades of green and yellow. A white rectangular box with a dark grey border is centered on the page, containing the text.

Atividade "Poemas "
Monitora Milene
Chagas NTE 04

-QUIENTISMO 1500:

Poemas de Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso
- BARROCO 1601 :

Todo sem a parte não é todo,
E de graça mul colmado,
A parte sem o todo não é parte,

Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Jazo aqui por teu pecado.
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
- Pois que não cabeis no céu,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.
Dizei-me, santo Menino,

O braço de Jesus não seja parte,
Que vos fez tão pequenino?
Pois que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,
- O amor me deu este veu,
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,
Nos disse as partes todas deste todo.
Em que jazo embrulhado,

(Soneto de Gregório de Matos)
Por despír-te do pecado.

- Ó menino de Belém,
-ARCADISMO 1768:

Pois sois Deus de eternidade,
Nada se Pode Comparar Contigo

Du bocage,

Quem vos fez de tal idade?

O ledo passarinho, que gorjeia

Dalma exprimindo a cândida ternura;

O rio transparente, que murmura,

E por entre pedrinhas serpenteia;

- Por querer-te todo o bem

O Sol, que o céu diáfano passeia,

E te dar eterno estado,

A Lua, que lhe deve a formosura,

O sorriso da Aurora, alegre e pura,

Tal me fez o teu pecado.

A rosa, que entre os Zéfiros ondeia;

A serena, amorosa Primavera,

O doce autor das glórias que consigo,

A Deusa das paixões e de Citera;

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,

Tudo em tua presença degenera.

Nada se pode comparar contigo.

-ROMANTISMO 1836:

Trecho da Poesia de Junqueira Freire presente na obra
“Inspirações do Claustro”

Os Claustros

“Dorme, dorme teu somno, oh van cidade,

Dorme teu somno sensual e podre:

Que as estrellas e a lua,— de offendidas,

O inutil brilho em negro veu trocaram.

Carranca enorme de chumbadas nuvens

A côr dos céus trocou na côr do abysmo.

É noite: e noite de pavor é ella,

Sacra aos mysterios de esquecidos tumulos.

Sosinho o bardo aqui,—co'a noite e as trevas!

Só elle aqui: — que o mundo é morto agora

Nos braços do lethargo,— irmão do nada.”

- REALISMO 1881:

Carolina

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apeteçada
E num recanto pôs o mundo inteiro.

Trago-te flores - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

-POEMA NATURALISTA 1881:

Carmen Gonçalves

Chuva Atrasada

Nunca nesta terra que nasci

Pareceu-me de chuva precisar

Pois ela que tudo vinha alagar,

Não deu mostras de minguia

Até esse ciclo começar.

Pois eis que depois de muitos dias

Sem que de sua graça desse mostra

(ainda que às vezes fizesse proposta)

A chuva decidiu nos presentear

Ventos sacudiram redes com criança,

Levantaram telhas, fizeram lambança,

Dizem que veio para castigar...

Eu digo que veio me refrescar!

O estrondo no telhado lembrou

O rufar à guerra, do tambor

Chamando índio para ir pescar!

Indício de mudança a chegar!

Chuva, amiga minha

Não vá devagarinha
-PARNASIANISMO, 1881:
Longe "assombrar"
A UM POETA
Fica, te demora

Não quero ver a hora
Longe do estéril turbilhão da rua,
Que vás outro mothar.
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, no silêncio e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica, mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

-SIMBOLISMO 1902:

Por Alphonsus de Guimaraens

Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão — "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria.. . "
E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"

-MODERNISMO 1922:

Moça linda bem tratada.

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta:
Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta:
Um coió.

Mulher gordaça, filó,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta:
Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta de pobre arromba:
Uma bomba.

-PRÉ-MODERNISMO:

Escrito em 1922 por Mário de Andrade, o poema é Canto de regresso à pátria [Oswald de Andrade]

apontado como uma das primeiras composições modernistas da literatura nacional.

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas

E quase que mais amores

Minha terra tem mais ouro

Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas

Eu quero tudo de lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15

E o progresso de São Paulo